



Pedro Arruda ao Diário dos Açores

“Consideramo-nos um museu vivo desta cultura icónica da ilha de São Miguel”

Acabou de se sagrar vencedora do Prémio Mercurio, um galardão atribuído anualmente, desde 2008, em conjunto pela Confederação do Comércio de Portugal e pela Escola de Comércio de Lisboa, de entre os cinco nomeados, na categoria “Empresas com História”.

A Plantação de Ananases Dr. Augusto Arruda, localizada na Fajã de Baixo, em Ponta Delgada, foi fundada no início do século XX por Augusto Arruda, uma das mais marcantes figuras do seu tempo, que se destacou tanto na política como nos negócios, tendo sido fundador, entre outras empresas, da SATA e da Sociedade Terra-Nostra. Hoje é a neta, Ana Isabel de Mendoza y Arruda, quem assegura a continuidade da Plantação, ao lado de Pedro Arruda, um dos bisnetos com quem o Diário dos Açores foi falar e conhecer melhor esta empresa.

POR OLIVÉRIA SANTOS

Diário dos Açores - Como e quando nasceu a vossa empresa?

Pedro Arruda - A empresa nasceu no início do século passado pela mão do meu bisavô, Augusto Arruda. Depois de casar transformou uma velha quinta da laranja, pertencente à família, a Quinta de Nossa Sra. da Conceição da Abelheira, e aí não só criou a sua família como também começou a dar corpo aquilo que hoje é a Plantação com o seu nome.

Na altura porquê uma empresa de plantação de ananases?

PA - Durante sensivelmente toda a segunda metade do século dezanove, e depois do declínio da laranja, os ananases foram o grande motor económico da ilha. Aproveitando esta nova oportunidade de negócio, mas num registo diferente, desde o início que a Plantação foi pensada com o intuito de poder também ser visitada por turistas, algo que o meu bisavô sempre entendeu como sendo o futuro dos Açores, o Turismo. A plantação foi por isso criada como plantação demonstrativa, algo que foi idealizado “*avant la lettre*” visto que só décadas mais tarde apareceram no mundo turístico as culturas agrícolas demonstrativas.

Desde logo o fundador percebeu que seria uma aposta ganha?

PA - O meu bisavô, Augusto Arruda, era um visionário e um homem à frente do seu tempo. Dedicou a sua vida a vários negócios e a causas políticas de grande relevância. Fundou a SATA e a Sociedade Terra-Nostra, foi deputado ao parlamento da República e combateu o fascismo. O seu ideal era o progresso dos Açores e das suas gentes. Mais do que o sucesso das suas próprias empresas era isso que o movia, talvez por isso muito do que ele gerou e fez crescer ainda subsista tantos anos depois.



Pedro Arruda, bisneto de Augusto Arruda

Estamos a falar de uma empresa familiar que já vai na quinta geração. Como se deu a evolução da empresa ao longo deste século de existência?

PA - Com a resiliência e perseverança da família, em particular das mulheres da família. O meu bisavô morreu relativamente cedo, em 64, deixando o património à sua mulher Maria Amélia e às suas três filhas. Ao longo dos anos foi a minha bisavó, depois a minha avó Leonor e agora a minha mãe, Ana Isabel, quem, com muito esforço, vontade e criatividade têm feito sobreviver e crescer a actividade e os negócios da empresa.

A empresa hoje é muito diferente de quando começou? Onde estão as maiores diferenças?

PA - Sem dúvida, no início a empresa dedicava-se principalmente ao cultivo e exportação de ananases tendo nas visitas turísticas uma actividade paralela complementar. Hoje é precisamente o oposto, o turismo é a actividade principal e o cultivo dos ananases é quase como o cartão de visita para os nossos turistas.

Ao longo da história já longa da empresa, quais têm sido e foram as maiores dificuldades que a empresa já teve que

ultrapassar?

PA - Qualquer empresa com mais de um século de história passou já por inúmeras dificuldades e crises. Eu diria que para a Plantação Augusto Arruda, pondo de lado os momentos de crise próprios de uma empresa familiar, os períodos de maior dificuldade foram a Segunda Guerra Mundial com o fim dos mercados de exportação e o 25 de Abril com a indefinição e desequilíbrios económicos desse período. Mais recentemente a crise da banca foi também um grande desafio que obrigou a complexos sacrifícios financeiros. Mas, sobrevivemos sempre a todas essas crises como certamente sobreviveremos no fu-